

A PRESENÇA DA MULHER INDÍGENA NO INSTAGRAM: UM ESTUDO SOBRE AS POSTAGENS DE CÉLIA XAKRIABÁ E SONIA GUAJAJARA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2022

*THE PRESENCE OF INDIGENOUS WOMEN ON INSTAGRAM: A STUDY ON THE
POSTS OF CÉLIA XAKRIABÁ AND SONIA GUAJAJARA IN THE 2022 ELECTION
CAMPAIGN*

*LA PRESENCIA DE LAS MUJERES INDÍGENAS EN INSTAGRAM: UN ESTUDIO
SOBRE LAS PUBLICACIONES DE CÉLIA XAKRIABÁ Y SONIA GUAJAJARA EN LA
CAMPAÑA ELECTORAL DE 2022*

*Original recebido em: 02 de maio de 2024
Aceito para publicação em: 11 de junho de 2024
Publicado em: 18 de novembro de 2024*

Marcio Malta
Edna Mello da Silva

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ·

RESUMO

Esta pesquisa examina o papel das mulheres indígenas ativistas digitais na disseminação de suas práticas territoriais, identitárias e culturais das comunidades indígenas. Utilizando uma abordagem qualitativa, focada nas postagens do *feed* do Instagram, analisa as produções de @celia.xakriaba e @guajajarasonia durante suas campanhas para deputadas federais entre 1º de setembro e 1º de outubro de 2022, por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados revelam a ocupação das mulheres indígenas no ciberespaço, fortalecendo suas agendas por meio de narrativas independentes e questionamentos críticos. Essa participação singular nas redes consolida conexões e interações, contribuindo para o posicionamento midiático das mulheres indígenas ativistas digitais como agentes de sua cultura, identidade e território, ampliando suas vozes. Assim, a presente pesquisa evidencia que as postagens de Sônia Guajajara e Célia Xakriaba têm muitos elementos em comum como a valorização da tradição de seu povo, a descrição de elementos da natureza, a defesa do território, da identidade e cultura da paz.

Palavras-chave: Mulheres Indígenas; Ativistas Digitais; Ciberativismo; Instagram; Protagonismo Feminino.

ABSTRACT

This research examines the role of Indigenous women digital activists in the dissemination of their territorial, identity, and cultural practices of Indigenous communities. Using a qualitative approach, focused on Instagram Feed posts, it analyzes the productions of @celia.xakriaba and @guajajarasonia during their campaigns for federal deputies between September 1 and October 1, 2022, through Content Analysis. The results reveal the occupation of indigenous women in cyberspace, strengthening their agendas through independent narratives and critical questioning. This unique participation in the

networks consolidates connections and interactions, contributing to the media positioning of indigenous women digital activists as agents of their culture, identity and territory, amplifying their voices. Thus, the present research shows that the posts of Sônia Guajajara and Célia Xakriaba have many elements in common, such as the appreciation of the tradition of their people, the description of elements of nature, the defense of the territory, the identity and culture of peace.

Keywords: Indigenous Women; Digital Activists; Cyberactivism; Instagram; Female Protagonism.

RESUMEN

Esta investigación examina el papel de las mujeres indígenas activistas digitales en la difusión de sus prácticas territoriales, identitarias y culturales de las comunidades indígenas. Utilizando un enfoque cualitativo, centrado en las publicaciones del feed de Instagram, analiza las producciones de @celia.xakriaba y @guajajarasonia durante sus campañas para diputados federales entre el 1 de septiembre y el 1 de octubre de 2022, a través del Análisis de Contenido. Los resultados revelan la ocupación de las mujeres indígenas en el ciberespacio, fortaleciendo sus agendas a través de narrativas independientes y cuestionamientos críticos. Esta participación única en las redes consolida conexiones e interacciones, contribuyendo al posicionamiento mediático de las mujeres indígenas activistas digitales como agentes de su cultura, identidad y territorio, amplificando sus voces. Así, la presente investigación muestra que los cargos de Sônia Guajajara y Célia Xakriaba tienen muchos elementos en común, como la valoración de la tradición de su pueblo, la descripción de elementos de la naturaleza, la defensa del territorio, la identidad y la cultura de paz.

Palabras-clave: Mujeres Indígenas; Activistas Digitales; Ciberactivismo; Instagram; Protagonismo femenino.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute os conceitos de ciberfeminismo e ativismo digital. De modo geral, propomos uma leitura sobre o termo e o movimento do ciberfeminismo e compreendemos como é que as mulheres se expõem num universo dominado pelas novas tecnologias e como são afetadas por elas, pela tecnociência e a dominação assustadora do mundo capitalista das redes globais, a partir das contribuições de Fernandes (2003) e Santaella (2003). O estudo versa ainda sobre o movimento do ativismo digital como um fenômeno que se fortalece e cria sua identidade pelo uso da navegação da *Internet* por organizações não governamentais e outras entidades civis diante das contribuições de Moraes (2001).

Com o avanço da tecnologia surge a internet e com ela as redes sociais¹, mídias sociais e as mídias digitais, tão presentes na vida cotidiana, tornando-se um dos principais recursos

¹ As **Redes Sociais** estão ligadas diretamente a relacionamentos, e sempre estiveram presentes na sociedade desde que o mundo é mundo, tendo como principal objetivo aproximar pessoas com interesses em comum. Dentro do Ciberespaço, isso não é diferente, as **Mídias Sociais Digitais** exercem a mesma função, são um espaço online onde pessoas interagem, expõem suas ideias e partilham de interesses em comum. Já as **Mídias Sociais** são definidas como um canal de descentralização e veiculação de informações (Marteletto, 2001).

dessa nova era de consumo de notícias e informações, nos territórios indígenas, esses meios modificaram a maneira como os povos originários interagem atualmente, dando agilidade e ampliando a dimensão da comunicação e informação.

Essa nova forma de comunicação e interação gera pautas com temas factuais, desde a imagem de figuras públicas, propagação da desinformação, além de organizar motins e greves em diferentes níveis. É também espaço seguro de acolhimento de grupos vulneráveis, de geração cidadã de dados, de luta, além de possibilitar um espaço em constante construção de diversos discursos imagéticos e textuais com cunho político por direitos de diferentes vieses, a exemplo de direitos territoriais e culturais dos povos originários.

O ambiente midiático torna-se meio e gera recursos e ferramentas para grupos tão distintos no Brasil ao ponto de mudarem os processos de produções textuais, audiovisuais, e, claro, a forma de circulação e consumo dessas informações e mensagens dos tradicionais veículos de comunicação, influenciando os debates no ambiente político do País.

O ciberativismo é, conseqüentemente, uma forma de ativismo realizada por grupos que são politicamente motivados e que fazem o uso das mídias sociais digitais para realizarem a mobilização e divulgação de causas que podem ser políticas, sociais, culturais, dentre outros, segundo Silveira (2010), Ugarte (2008) e Araújo (2012).

Levy (1999) nos dá a definição do que é ciberespaço e cibercultura como novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Ao compreender o termo específico, não somente da infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto à cibercultura, o autor especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A cultura digital, ou cibercultura, possui alguns suportes que determinam comportamentos e resultados dessa tecnologia. O ciberespaço, segundo Levy (1999), trata-se de um novo meio de comunicação que se dá por uma interconexão mundial entre computadores. Dessa forma, esse espaço possibilita a comunicação digital entre pessoas de várias partes do mundo.

Neste contexto, essa pesquisa nos possibilitou compreender o processo de criação e produção das mensagens imagéticas e textuais veiculadas por mulheres ativistas digitais indígenas na rede social, especificamente o Instagram, além de evidenciar, por meio dos signos

presentes em cada postagem analisada, as informações que revelam a potência de seus territórios, identidade e cultura.

Redes sociais na Internet são integradas de representações dos indivíduos sociais e de suas conexões (Recuero, 2009). Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas.

Redes sociais é uma metáfora estrutural para que se observem grupos de indivíduos, compreendendo os atores e suas relações. Ou seja, observam-se os atores e suas interações, que por sua vez, vão constituir relações e laços sociais que originam o “tecido” dos grupos. Essas interações proporcionam aos atores posições no grupo social que podem ser mais ou menos vantajosas e lhes dar acesso a valores diferentes (Recuero, 2009, p.23).

É importante destacar que a participação das mulheres indígenas nas plataformas digitais não se dá em um vácuo social, mas em um contexto de desigualdades e preconceitos. Por isso, a participação das mulheres indígenas nas plataformas digitais deve ser vista como parte de um processo mais amplo de luta por direitos e reconhecimento.

Hoje, mulheres têm assumido os principais cargos dos movimentos indígenas estaduais e regionais. “Uma vitória nossa, mas que contou também com o entendimento e os votos de muitos homens para acontecer. Para a gente, esse é o nosso feminismo: se empoderar e assumir o protagonismo” (Guajajara, 2017 *apud* Hollanda, 2018, p. 302).

Foi realizado um acompanhamento e coleta dos conteúdos digitais publicados nas redes sociais destas mulheres indígenas ativistas digitais, a fim de compreender quais elementos imagéticos e textuais foram utilizados na construção do conteúdo, a partir do lançamento oficial de suas respectivas campanhas eleitorais focando nas ações dessas mulheres ativistas digitais nas suas redes sociais, especificamente no *feed* do Instagram, no período de 1º de setembro a 1º de outubro de 2022.

2. ATIVISMO DIGITAL E CIBERFEMINISMO NA PRÁTICA

Denis de Moraes (2001) compreende o ativismo digital como um fenômeno que se fortalece e cria sua identidade pelo uso da navegação da *Internet* por organizações não governamentais e outras entidades civis com a finalidade de “expandir suas reivindicações e desenvolver espaços de interação e de mobilização pelos direitos da cidadania.” Nesta ótica, a tecnologia vira um braço aliado na procura por novas formas de relação social e no combate a favor da preservação de direitos realizada por diferentes grupos sociais com vertentes e orientações político-ideológicas distintas.

As ações e movimentos desenvolvidos na dinâmica do ativismo digital são multidirecionais e contribuem para ampliar o alcance das iniciativas, na medida em que tanto permitem consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do ciberespaço, como para os que realizam o movimento inversos, dessa forma, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações beneficiadas pela materialidade geográfica. Podemos aqui citar como exemplo, um grupo já consolidado que fortaleceu suas ações por meio da Internet: o Instituto Catitu – composto na sua maioria por mulheres indígenas (www.institutocatitu.org.br²), que inicialmente abrigava informações sobre a organização e é hoje um dos portais de referência para quem procura informações úteis à luta em prol da preservação da cultura, identidade e território dos povos indígenas.

Os diversos conteúdos criados pelos atores do Instituto Catitu colocam em destaque o protagonismo dos indígenas sem descaracterizar os costumes, conhecimentos, práticas e visões de suas comunidades, por meio de projetos que possibilitam a formação multimídia, a partir do uso das novas tecnologias, por meio da produção de audiovisuais, de intercâmbios, além da criação de centros de documentação digital nas próprias aldeias.

Para organizações deste tipo, a internet passa a ser “...uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos”.

2.1. Cyberfeminism

Emergindo da era da comunicação fomentada por Nobert Wiener (1948) em *Cybernetics: communication and control in animal machine*, informa que o termo *cyberfeminismo* sugere uma apropriação das tecnologias digitais de informação e comunicação pelo gênero feminino.

O termo cibernética surge da palavra grega timoneiro, a pessoa que dirige a rota do navio. Mas ela realmente descrevia, nos termos de Wiener, o timoneiro e o navio, que juntos constituem o que veio a ser conhecido como organismo cibernético, ou cyborg. (...) Os sistemas cibernéticos são máquinas que contém algum dispositivo que lhes permite controlar ou regular a si mesmas e, desta forma, funcionar com certo grau de autonomia. (Plant, 1999, p. 145).

O termo *cyberfeminist* surgiu há pouco mais de três décadas, em 1991, por um grupo de feministas australianas chamado VNS Matrix, que findou em 1997. Ao lançar o “*Cyberfeminist Manifesto*” (1991), paródia do “*Cyborg Manifesto*” (1988), de Donna Haraway, as feministas

² Acesse o site do Instituto Catitu – Instituto composto na sua maioria por mulheres indígenas (www.institutocatitu.org.br).

impulsionaram uma sugestão que provocou uma leitura objetiva de que as particularidades e as diferentes necessidades entre as mulheres seriam supridas na rede, pois surgia da antipatia à identidade universal do gênero feminino e a compreensão do ciberespaço como a consolidação dos movimentos em diferentes partes do mundo pós-gênero e pós-racial. Em 1997, finda *VNS Matrix*, por outro lado, surge a *Old Boys Network*, primeira parceria Internacional *Cyberfeminist*.

A definição de *cyberfeminist* surge em 1997 na I *Cyberfeminism Internacional*, a primeira conferência *cyberfeminism* realizada em Kassel, Alemanha, quando decidiu-se compilar uma lista de cem antíteses que definiam no que o *cyberfeminism* não se encaixava. Diante das diversas formas de concepções e expressões, o *cyberfeminism* não se definia num único conceito. Cornelia Sollfrank defende a inclusão da semântica do *cyberfeminism* às últimas consequências ao recomendar: “*Create your own Cyberfeminism, any you find out the truth about it*.” (Sollfrank, on-line.).

De modo geral, um dos fatores que preocupa o termo e o movimento do *cyberfeminismo* é a maneira como as mulheres se expõem num universo dominado pelas novas tecnologias e como são afetadas por elas, pela tecnociência e a dominação assustadora do mundo capitalista das redes globais. O problema é que não há, na maioria das vezes, possibilidade de articulação possível contra os agentes da dominação capitalista, as grandes redes sociais ou quem quer que seja. De acordo com Maria Fernandez (2003), ainda que haja uma diversidade de expressões, raça e racismo são ignorados pelo *cyberfeminism*. Ela pontua que:

Discutir essas questões pode ajudar as ciberfeministas a desenvolver e sustentar alianças estratégicas e prazerosas diversas. Até o momento, os grupos ciberfeministas mais proeminentes na Europa e nos Estados Unidos são predominantemente brancos, apesar de várias tentativas de tornar os grupos inclusivos. (Fernandez, 2003, p. 34, tradução nossa⁴).

Diante o cenário, das condições brasileiras, em que o acesso à internet e às novas tecnologias ainda não chegou de forma plena para uma boa parcela da população, um dos desafios é assegurar às mulheres, nessa pesquisa em especial, as mulheres indígenas, condições de acesso às tecnologias digitais em seus diferentes territórios. Nessa perspectiva, se seguimos o caminho de assegurar condições básicas para que a população indígena se aproprie das

³ Tradução nossa: “Crie seu próprio ciberfeminismo, qualquer um que você descobrir a verdade sobre ele”.

⁴ No original: To discuss these issues might help cyberfeminists to develop and sustain diverse strategic and pleasurable alliances. To date, the most prominent cyberfeminist groups in Europe and the United States, are predominantly white despite various attempts to make the groups inclusive (Fernandez, 2003, p. 34).

tecnologias digitais nos diferentes territórios brasileiros, é cedo afirmar que as iniciativas que hoje são fomentadas na internet que se estendem às redes sociais podem ser consideradas como movimento *cyberfeminists*.

2.2. Antes de apresentar Sônia e Célia, vamos conhecer o app Instagram

Os aplicativos e sites de redes sociais digitais vêm estabelecendo novas formas comunicacionais, permitindo novas práticas de leitura e de (re)definição da forma de difundir o conhecimento, o aplicativo Instagram se destaca nesse espaço virtual, numa vertente de se tornar o divisor de novas formas de relações colaborativas na rede, por se revelar como uma rede social *online* concentrado na comunicação através de publicações de imagens acompanhado de texto legenda.

O Instagram é uma das redes sociais digitais mais utilizadas no Brasil. Sua funcionalidade destaca-se pela leveza e por uma interface simplificada, de fácil manuseio.

O aplicativo apareceu no cenário do ciberespaço no ano de 2010 e vem ganhando seguidores numa proporção gigantesca até os dias atuais e possibilita a postagem de imagem, aplicando efeitos sobre ela antes de compartilhar com o público, e devido a sua função visual, proporciona todas as vantagens informativas que uma imagem é capaz de produzir, além de ser gratuito.

O Ciberespaço é um ambiente complexo, e a cultura política cresce nesse caldo efervescente, gerando novos processos e produtos. A nova potência da emissão, da conexão e da reconfiguração, os três princípios maiores da Cibercultura estão fazendo com que possamos pensar de maneira mais colaborativa, plural e aberta. Sempre que podemos emitir livremente e nos conectar a outros, cria-se uma potência política, social e cultural: a potência da reconfiguração e da transformação. A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas e multimodais e planetárias de recombinações (Lemos *et al* Levy, 2010, p. 27).

Com uma proposta similar e sequenciada aos demais aplicativos e sites de redes sociais digitais que lhe antecederam, o Instagram também propõe formalizar um movimento de interatividade entre o objeto e o sujeito no ciberespaço, intercalando e redistribuindo o papel de leitor e emissor do conteúdo, que passam a exercer um protagonismo compartilhado e intensificado na plataforma. Isso possibilita, inclusive, novas “portas” de entrada ao mundo da informação com o uso das hashtags (#).

O “Insta”, ganhou e vem ganhando força no ciberespaço. Ele absorve uma parcela significativa de interatividade com a geração mais jovem de usuários, sendo um grande atrativo

para o mercado de negócios, especialmente para empresas que potencializam o marketing de conteúdo visual de seus produtos e que tenham como público-alvo os jovens.

Assim, a variabilidade do Instagram, aliada à modernidade de seus algoritmos, o credencia a instrumentalizar novas práticas comunicacionais, características estas que serão observadas no decorrer das seções seguintes.

2.3. Mulheres indígenas que ocupam redes sociais evidenciando território, identidade e cultura

O ponto de partida deste parágrafo se dá com a frase que evidencia Célia Nunes Correa (Figura – 1) também conhecida como Célia Xakriabá; “Antes do Brasil da coroa, existe o Brasil do cocar”, mulher, docente e deputada federal indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, Brasil.



Figura 1- Imagem de Célia Xacriabá em Brasília. Fonte: Imagem do Instagram.

A convicção dela baseia-se na reestruturação da educação básica no território brasileiro, no apoio às meninas e mulheres dentro dos Xakriabá; e na mudança das demarcações de terras nas fronteiras geográficas para manter seu território, identidade e cultura.

Célia Xakriabá nasceu no município de São João das Missões (1990), em Minas Gerais. Ela frequentou a Escola Estadual Indígena Xukuranrk. Mais tarde, em 2013, frequentou e ensinou educação indígena na Universidade Federal de Minas Gerais. Xakriabá é egressa do curso de mestrado em Educação pela Universidade de Brasília em 2018.

É a primeira integrante de sua tribo a se formar em nível de mestre, e também doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Vale ressaltar que em 2015, com apenas 25 anos de idade, Célia foi a primeira mulher indígena que integrou parte da equipe do órgão central da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, permanecendo até 2017.

A minha entrada aqui foi um convite da própria secretária. Eu falei para ela que há várias pessoas com o perfil mais direcionado e com grande experiência nessa área. Porém, ela disse que o fato de ser mulher, jovem e de vir dessa militância há 13 anos foram importantes nessa escolha”. Fala de Célia em entrevista na (YAM, online, 2017).

Desde as suas primeiras participações em movimentos populares, Célia levantava a bandeira pelos direitos das línguas indígenas. Contribuiu na Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais do Ensino, com seus saberes e conhecimentos técnicos a respeito da cultura indígena e integrando-os no currículo de ensino básico e superior. Em 2019, atuou como assessora parlamentar, contribuindo no mandato da deputada federal (MG) Áurea Carolina (PSOL).

Do povo Xakriabá, Célia se define a partir de seu portal como uma mulher da Luta da Articulação Nacional das Mulheres Indígena, do bioma Cerrado. De acordo com ela, tem feito a defesa da importância de todos os biomas brasileiros.

Atualmente é a ministra dos Povos Originários, mestre em Desenvolvimento Sustentável, título obtido no Mestrado Profissional em Sustentabilidade do programa de mestrado titulado: “Povos e Territórios Tradicionais” pela Universidade de Brasília e doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Minha primeira escola foi a luta em diversas frentes: garantia do território, porque a luta pelo território é a luta pela própria vida, trabalhei na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude, diretamente no chão do Território e no chão do mundo (Xakriabá, 2022).

De acordo com as narrativas Xakriabá, Xerente e Xavante (1994), esses povos dos três X reconhecem-se como parentes e guardam na memória que historicamente compartilharam território e fazia parte de uma única família, para além do parentesco linguístico, como observa Santos (1999), segundo o qual nosso povo Xakriabá é identificado como pertencente ao Tronco linguístico Macro-Gê, família Gê, subdivisão Akwê.

Em seu *blog*⁵, a mineira pontua que o principal problema dos povos indígenas no Brasil é a demarcação territorial. Este direito estava reconhecido na Constituição brasileira de 1988, mas foi contestado pela Proposta de Emenda Constitucional (PEC 215), que dá o poder de mudar as demarcações territoriais indígenas ao Congresso Nacional, em vez dos órgãos do Estado especializados na questão indígena, como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

Em entrevista ao Portal YAM (2015, online) Célia é perguntada sobre – O que é ser mulher indígena hoje? Ela é categórica:

É nascer fazendo resistência. Nascer entendendo que a nossa mãe, a nossa avó, a terra, está sendo ameaçada. Que o nosso útero está sendo contaminado. Ser mulher indígena é, sobretudo, nascer nessa resistência de luta sem ter tempo nem medo. Diante de um genocídio de mais de cinco séculos, que nunca termina, ser mulher indígena e estar na luta não é exatamente uma escolha pelo ativismo, mas é um ato de resistência. Quando temos que escolher entre ter medo e continuar lutando pela vida, a luta pela vida é o que move essa resistência de ser mulher indígena.

No final de 2019, Célia fez parte da comitiva de lideranças indígenas realizada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), em parceria com organizações da sociedade civil, a campanha “Sangue Indígena: Nenhuma Gotinha a Mais”, com o objetivo de visitar 12 países europeus para denunciar as graves violações que estão ocorrendo aos povos indígenas e ao meio ambiente do Brasil, desde a posse do atual presidente.

Na época que viajou com a delegação da Apib para a COP26 (conferência climática anual que reúne mais de 190 nações), de 1 a 12 de novembro, em Glasgow, na Escócia. Célia tinha 75 mil seguidores no Instagram, de lá até hoje, junho de 2023, ela já ultrapassou os 220 mil seguidores.

Traduzindo do inglês COP é a conferência das nações unidas sobre mudanças climáticas, sendo o evento mais importante sobre o tema, unindo governos de mais de 200 países para discutir ações efetivas para conter o aquecimento global e as mudanças climáticas (Portal 3TC, 2022).

Um dos maiores desafios de Célia Xakriabá está evidente em suas redes sociais: difundir para o mundo que já não há mais tempo e espaço e que todo o planeta precisa compreender que, nos dias atuais, a demarcação dos territórios dos povos originários é um dos recursos para o desequilíbrio climático que atravessa toda humanidade.

⁵ Blog/Notícias | Célia Xakriabá 2024 (celiaxakriaba.com).

Cansada de esperar por uma atitude dos governantes diante da iminente emergência climática, Célia decidiu expandir as preocupações para além de sua comunidade. Entre as diversas redes sociais, o Instagram foi a plataforma que Célia utilizou para prospectar sua cultura e de toda comunidade dos povos indígenas e dar visibilidade e voz às necessidades deles. Aborda a apropriação cultural e denuncia ataques aos indígenas, abrindo o diálogo sobre a importância dos povos originários e promovendo debates profundos e necessários.

No início das coletas desta pesquisa, Célia era candidata a deputada federal pelo Estado de Minas Gerais, pelo PSOL-MG e apostou no lema: “É hora de Minas de Cocar! É hora de Célia Xakriabá – 5088”. Célia ocupou seu espaço político com mais de cem mil votos, logo após, assumiu o cargo de ministra dos Povos Originários. Entre as propostas para o mandato, estão a demarcação dos territórios indígenas e a titulação dos quilombos.



Figura 2- Imagem de Sônia Guajajara. Fonte: Imagem do Instagram.

Uma das principais líderes indígenas do país, Sônia Bone de Souza Silva Santos, (Figura – 2) popularmente conhecida por Sônia Guajajara, é nordestina e nasceu na terra indígena Arariboia pertence ao povo Guajajara/Tentehar no estado do Maranhão em 1974, e atualmente, assim como Célia Xakriabá, a ativista digital ocupa as redes sociais pelos direitos dos povos indígenas.

Além de atuar em diversas lideranças indígenas e políticas em diferentes territórios brasileiros, Guajajara é voz presente no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), representa os povos tradicionais nas Conferências Mundiais do Clima (COP) desde 2009, onde vem evidenciando as mazelas e a ausência da atuação do poder público e privado em prol conservação do território, cultura e identidades dos povos originários. Ativista há décadas, a indígena vem adotando postura firme e voz contundente via seu Instagram, conforme evidenciaremos no decorrer deste trabalho.

Sua visibilidade ganhou notoriedade em 2001, quando participou do primeiro evento nacional indígena, a Pós-Conferência da Marcha Indígena, para discutir o Estatuto dos Povos Indígenas em Luziânia, no estado de Goiás. Já em 2012, coordenou a organização do Acampamento Terra Livre na Cúpula dos Povos, em 2013, estava à frente da Semana dos Povos Indígenas e de ocupações no plenário da Câmara e no Palácio do Planalto.

Em 2018, ela se tornou a primeira mulher indígena a disputar o cargo de vice-presidente do Brasil pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), integrando a chapa de Guilherme Boulos. Nessa ocasião, pôde viajar por todo País e ficar bastante conhecida.

Quando concorria à vice-presidência do País, Sônia Guajajara disponibilizou uma entrevista à revista eletrônica Marie Claire sobre suas origens e como enxergava o cenário político brasileiro. Na época, ela ressaltou sobre sua militância, que iniciou aos 20 anos ao compreender que: os indígenas nunca foram valorizados dentro do próprio país. “É assustadora a quantidade de pessoas que não sabe da existência do índio no Brasil. Quando sabem, poucos conseguem entender os povos” (Marie Claire, 2022, online).

Ela também revelou que sua luta prioritária é pela regularização dos territórios. No ano de 2022, foi considerada uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time. Sônia é acostumada às premiações e tamanha relevância, em 2019, recebeu o Prêmio João Canuto pelos Direitos Humanos da Amazônia e da Liberdade, promovido pela Organização Movimento Humano Direito. No mesmo período, foi contemplada com o prêmio de grande visibilidade, Packard, disponibilizado pela comissão mundial de áreas protegidas da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN).

Ativista digital Sônia Guajajara (@guajajarasonia) é uma das maiores presenças do movimento indígena brasileiro no uso das redes sociais com mais de (430/540 mil) seguidores no Instagram.

De acordo com Sophie Toupin e Alexandra Hache (2015, p. 23) a tecnologia é uma grande aliada para os movimentos feministas que colabora com muitos elementos da autonomia no processo de auto-organização:

Um dos principais elementos constitutivos das infraestruturas feministas autônomas está no conceito de auto-organização já praticado por muitos movimentos sociais que entendem a questão da autonomia como um desejo por liberdade, auto-valorização e ajuda mútua. Além disso, entendemos o termo infraestrutura tecnológica de forma expansiva, englobando hardware, software e aplicativos, mas também design participativo, espaços seguros e solidariedades sociais.

O destaque dessas duas mulheres indígenas nos leva a olhar com Michel Foucault (2004) sobre o “cuidado de si”. Quando me proponho ir até esse outro lugar a respeito do que compete a forma de cuidado, não direciono para a fomentação em práticas sugeridas por instituições ou forças políticas, essas direcionam a atividades forçadas que organizam os corpos no sentido de “uma moral da renúncia” visando ao controle. As categorias criadas pelas indígenas nas redes sociais evidenciam a cultura, identidade e território das mulheres indígenas (Figura – 3) e suas práticas de si, para falar sobre, “de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir certo modo de ser” (Foucault, 2004, p. 265).



Figura 3 - publicação de Sônia em prol da Amazônia. Fonte: Foto do Instagram.

Para melhor compreender a diversidade das narrativas construídas por mulheres indígenas no ciberespaço, assimilamos este espaço sob o pensamento de Gregolin (2015, p. 7), “a heterotopia por excelência do século XXI. Nesse espaço virtual cruzam-se todo tipo de outros

espaços, consensuais e conflitantes; acolhem-se todo tipo de enunciados e de formas de visibilidade”. Nesses espaços, “nossos corpos atravessam, pela *WEB*, lugares e tempos que outrora eram inatingíveis e nos permitem novas experiências com o passado distante” (Neves-Corrêa 2018, p. 104).

Essas mulheres indígenas são protagonistas em seus territórios, dando sentido às suas vozes e corpos por meio da atuação na política, da liderança de movimentos e nas variadas formas criativas que encontram para proteger sua cultura, identidade e territórios. Por outro lado, o protagonismo também direciona a sua participação ativa, no papel principal em narrativizar suas trajetórias contidas em seus corpos. Em paralelo às situações, as narrativas fomentadas nos espaços do ciberespaço por essas mulheres indígenas (Figura – 4) e muitas outras, feminizam e tornam mais múltiplo os espaços por onde elas orbitam e que constituem suas ações ativistas: “Entrada nas cenas das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro” (Foucault, 2015, p. 67).



Figura 4 – Publicação de Célia no período de campanha eleitoral. Fonte: Imagem do Instagram.

É importante frisar que as mulheres indígenas são discriminadas duplamente pela sociedade, por serem indígenas e por serem mulheres, alinhado também com outras questões, como a questão de classe, por serem às vezes indígenas urbanas as que tornam essa parcela da população uma das que mais sofre vulneração de direitos, principalmente pelo fato dessas

mulheres não se verem reconhecidas nas “leis dos brancos”, como a Lei Maria da Penha, preferindo optar pelas resoluções e punições que passem pelas lideranças indígenas (Silva, 2021).

O (Gráfico – 1), abaixo visa elucidar a problemática da sub representação feminina no que tange às desigualdades étnica e racial. Ele apresenta a composição da Câmara dos Deputados para o período, por gênero e raça/cor dos parlamentares.



Gráfico 1 – composição da Câmara dos Deputados de 2019-2022. Fonte: Gráfico criado pelo pesquisador, 2024.

O gráfico acima mostra que as cadeiras da Câmara dos Deputados (CD) (2019-2022) foram ocupadas por apenas 13 negras e uma indígena. Sobre isso, Ângela Davis escreve:

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XX (Davis, 2016, p. 24).

As ideias racistas e misóginas acerca das mulheres indígenas e negras na sociedade brasileira vêm sendo combatidas no decorrer da história da humanidade, acerca disso, Crenshaw afirma:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres (Crenshaw, 2002, p. 173).

Diante desse aumento de violência de gênero aliado com outras formas de violência contra as mulheres indígenas, viu-se a necessidade de criar movimentos de mulheres indígenas e mobilizações que priorizassem essas pautas.

O Estado tem que entender que a demarcação de terras é uma pauta de enfrentamento à violência contra as mulheres, porque é a terra que garante uma reestruturação das comunidades indígenas. Sem terras reconhecidas, o que acontece é um efeito cascata de violência e a parte mais vulnerável é a mulher. A demarcação é uma pauta de gênero e de defesa das mulheres indígenas (Gimenes, 2016, online).

É válido elucidar que a mulher indígena desempenha um importante papel, principalmente em busca de mais visibilidade e igualdade. Além disso, o papel desempenhado pelas mulheres mencionadas no cotidiano das aldeias e na luta dos povos nunca foi negligenciado, mas sim, em alguns momentos, forçadamente invisível (Leal, 2011). Além do mais “As mulheres têm forte influência e participação nas lutas de seus povos. Parte das grandes estratégias e tomadas de decisões são pensadas e traçadas nas caladas das noites e depois repassadas aos seus parceiros” (Leal, 2011, p. 35).

Contudo, vislumbrar-se que as mulheres indígenas bem como os seus movimentos, vêm ganhando muita força, apoio e visibilidade nos últimos anos, apesar da ocorrência ainda de muito preconceito, discriminação, violência, as supracitadas não deixam de sempre lutar por seus direitos e de seus descendentes, principalmente pela igualdade de gênero e à retomada territorial (Silva, 2021).

2.4. Percurso Metodológico

A metodologia adotada para a realização deste estudo se baseia em uma pesquisa por Análise de Conteúdo, por meio da coleta de informações via redes sociais, mais especificamente, através do *feed* do Instagram. A análise de conteúdo será utilizada para interpretar os dados coletados. Além disso, optamos por desenvolver um estudo qualitativo, o que possibilitará uma compreensão mais profunda dos dados obtidos.

O recorte temporal da pesquisa ocorreu entre 1º de setembro a 1º de outubro de 2022, trinta (30) dias que antecedem as eleições no Brasil. Essa escolha se deve ao fato de que, nesse período, aconteceu uma intensificação e visibilidade das postagens de Sônia Guajajara e Célia Xakriabá ao concorrerem, na ocasião, ao cargo de deputadas federais.

A análise dos perfis das duas ativistas digitais indígenas, Sônia Guajajara e Célia Xakriabá, foi realizada por meio da observação das mensagens textuais e imagéticas presentes em seus *feeds* do Instagram. Essas duas líderes indígenas são referências importantes do

movimento indígena brasileiro e possuem grande influência nas redes sociais com um número expressivo de seguidores.

No que se refere ao conteúdo analisado, foram selecionadas as publicações nas redes sociais das mulheres indígenas ativistas digitais, especialmente os presentes no *feed* do Instagram de Célia e Sônia, já citadas nesta proposta de pesquisa.

Para a análise de conteúdo utilizaremos o referencial teórico proposto por Bardin, Laurence em seu livro "Análise de Conteúdo". Segundo Bardin (2011, p. 29), "A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens".

Essa técnica de análise de conteúdo permite a identificação de temas e padrões recorrentes nas mensagens analisadas, permitindo uma interpretação e compreensão do seu significado dentro de um contexto mais amplo. Para Bardin (2011, p. 31), a análise de conteúdo pode ser considerada como uma forma de decodificação dos conteúdos, permitindo a extração de informações e sentidos que podem não ser evidentes à primeira vista.

Dessa forma, a utilização da análise de conteúdo se mostra como uma estratégia relevante para a compreensão dos discursos das ativistas indígenas nas redes sociais, permitindo uma leitura mais aprofundada dos sentidos e significados presentes em suas postagens.

Para complementar a abordagem metodológica deste trabalho, utilizaremos a contribuição de outros autores, como é o caso de Flick (2016), que defende que a pesquisa qualitativa é "uma maneira de compreender o mundo a partir do ponto de vista dos participantes e construir uma imagem completa da realidade social". Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se concentra na compreensão dos significados e das percepções dos indivíduos, sendo adequada para explorar questões complexas e multifacetadas.

Ademais, para a análise de conteúdo das postagens no Instagram, utilizaremos o método proposto por Krippendorff (2004), que define a análise de conteúdo como "uma técnica de pesquisa para tornar replicáveis as inferências, a partir de textos, que são válidas e confiáveis para seus usuários". A análise de conteúdo tem como objetivo identificar padrões e temas com base no conteúdo das mensagens, permitindo uma compreensão mais aprofundada do material coletado.

Também praticamos o uso da contribuição de Bauer e Gaskell (2002), que destacam a importância da triangulação na pesquisa qualitativa. A triangulação consiste na utilização de

diferentes métodos, fontes de dados e perspectivas para confirmar ou complementar as descobertas da pesquisa, garantindo assim a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos.

A análise de conteúdo, como técnica de pesquisa, é altamente relevante para a abordagem desta pesquisa, uma vez que se preocupa em identificar e compreender os significados subjacentes aos conteúdos coletados (Moraes; Galiazzi, 2011). Nesse sentido, a pesquisa proposta visa identificar os significados presentes nas mensagens textuais e imagéticas dos perfis das lideranças indígenas Sônia Guajajara e Celia Xakriabá no Instagram, e como esses significados se relacionam com as temáticas indígenas, feministas e políticas abordadas por elas.

Para tanto, a análise de conteúdo será realizada por meio da técnica de análise categorial temática, que consiste na identificação de categorias a partir dos dados coletados e sua organização em temas (Bardin, 2016, p. 42). As categorias serão definidas a partir da análise dos conteúdos postados pelas lideranças, considerando suas características semânticas e simbólicas, assim como sua relação com as temáticas abordadas.

Portanto, a pesquisa proposta busca contribuir para a compreensão das temáticas indígenas, feministas e políticas abordadas pelas lideranças indígenas Sônia Guajajara e Célia Xakriabá, a partir de uma abordagem a partir da análise de conteúdo, tendo como objetivo a identificação dos significados presentes nas mensagens postadas em seus perfis no Instagram e suas relações com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa serão divididos, para fins esquemáticos, em três polos cronológicos de organização da análise de conteúdo segundo Bardin (2011), são eles:

Polos cronológicos de organização da análise de conteúdo (BARDIN, 2009).	Etapas da pesquisa
Pré-Análise	1) Definição do objeto <ul style="list-style-type: none"> • Pré-análise • Categorização das narrativas
Exploração do Material	2) Observação 3) Exploração do material <ul style="list-style-type: none"> • Análise descritiva
Tratamento dos resultados obtidos e interpretação	4) Tratamento dos dados obtidos <ul style="list-style-type: none"> • Interpretação • Resultados

Quadro 1 - Etapas da pesquisa segundo metodologias de Bardin (2011). Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

2.5. Definição do objeto

Foram selecionados os dois perfis no Instagram de grande visibilidade no ciberespaço: @celia.xakriaba e @guajajarasonia, a culminância da coleta de dados ocorreu entre os dias 1º de setembro a 1º de outubro de 2022, quando ambas ativistas concorriam ao cargo de deputadas federais, a partir das quais se pode verificar os “territórios, identidade e cultura dos povos originários via suas postagens no ciberespaço”. Vale pontuar, que, posteriormente, já havia acompanhamento das postagens das influenciadoras para melhor compreender e coletar informações consolidadas para acompanhar no decorrer dos trinta dias que antecipava o pleito eleitoral de 2022, quando as ativistas digitais estavam concorrendo aos cargos de deputadas federais, e, conseqüentemente, estavam em maior evidência.

Como os conteúdos publicados pelos perfis nessas mídias sociais ficam hospedados e disponibilizados no próprio *feed* do Instagram, e, essas mesmas postagens podem ser excluídas por elas ou seus administradores das respectivas contas, a coleta foi feita diariamente e realizado o print da tela. As imagens eram baixadas em uma pasta específica do *notebook*, entre os dias 1º de setembro a 1º de outubro de 2022, no final de cada dia, entre 22h e 3h do dia seguinte, as informações eram organizadas paralelamente ao conteúdo do referencial teórico.

Os prints do feed do Instagram de @celia.xakriaba e @guajajarasonia foram capturados manualmente e arquivados em uma página vinculada a uma pasta na nuvem, além de serem armazenados em um arquivo em Word, como mostra a Figura 5. Durante os dias 1º de setembro a 1º de outubro de 2022 foi feita a coleta diária das postagens realizadas pelos perfis de @celia.xakriaba e @guajajarasonia. Neste período, @celia.xakriaba e @guajajarasonia subiram 545 publicações no *feed* do Instagram, sendo 207 de @celia.xakriaba e 338 postagens de @guajajarasonia. O quadro (1/2) apresenta o número de postagens por perfil, o tipo e formato de mídia postada, dia em que houve publicações no *feed* do Instagram e quantidade de postagens realizadas nos respectivos dias do mês de setembro e outubro.

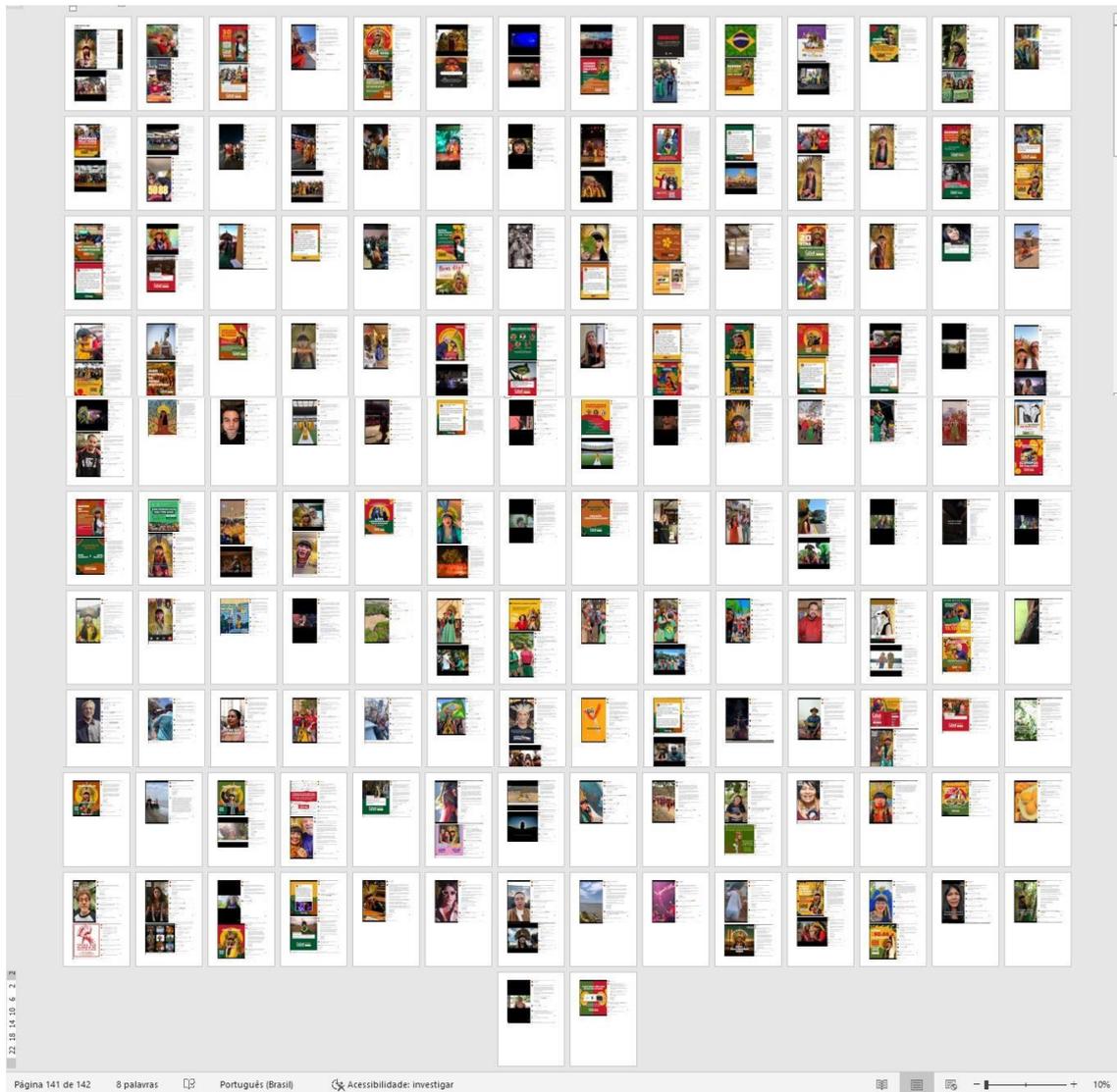


Figura 5 - Arquivo da coleta das postagens de Célia Xakriabá. Fonte: Arquivo de coleta pelo pesquisador, 2024.

Por fim, evidenciaremos uma postagem de cada semana de setembro de ambas indígenas ativistas digitais e o teor das publicações evidenciando o discurso que remete às questões do território, identidade e cultura das comunidades indígenas.

Para delimitar ainda mais a quantidade de objetos do *feed* do Instagram das Mulheres indígenas ativistas digitais que serão analisados na pesquisa, foi quantificado no mesmo quadro, a triagem com o objetivo de selecionar uma postagem semanal de cada indígena ativista @celia.xakriaba e @guajajarasonia. Dessa forma, foram descartadas as demais postagens da semana, como são dois perfis, foi viável selecionar uma postagem por serem números menores, mas, que contempla as demais postagens descartadas da semana. O passo seguinte foi a categorização, a partir de uma observação não sistemática do conteúdo do material dentro do mês e da semana. Foi observada a sequência de postagens de cada um dos trinta e um dias em

que o material foi coletado, identificando cinco tipos de categorias: 1) Sequência de postagens com fotos e texto com manipulação gráfica, *Cards* (C); 2) Sequência de postagem em formato de *Card* com texto e sem a presença de imagem fotográfica e com manipulação gráfica (C+t); 3) Sequência de postagem apenas com fotos sem edição gráfica (F); 4) Sequência de postagens apenas com vídeos – vídeo com fotos e *lives* postados no *feed* (V); 5) Sequência de postagem com a presença de *Print* com e sem edição gráfica de materiais jornalísticos, de outras postagens do próprio Instagram etc. (P). Este tipo de categorização foi realizado de forma preliminar, no intuito de selecionar variedades distintas de narrativas por meio do *feed* do Instagram, levando em conta apenas o tipo de formato de conteúdo, uma vez que a análise específica do conteúdo será feita na amostra de um corpus voltado à análise imagética estável e os textos contidos nas legendas que remete às respectivas culturas, território e identidade dos povos originários. O Quadro (2/3) foi elaborado com o objetivo de ilustrar como essas categorias se inseriram nos perfis observados:

FORMATO DA POSTAGEM (MÍDIA)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	0	0	T
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	Total
Card	0	3	2	3	4	1	2	0	1	1	2	2	3	2	3	1	0	1	1	4	1	0	2	2	0	1	2	4	3	3	4	58
Card só de texto	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	2	0	0	0	1	2	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12
Foto	2	0	1	1	2	3	3	0	1	0	1	0	2	0	0	0	1	0	1	2	1	2	1	1	1	1	0	0	0	1	1	29
Vídeo	1	2	1	1	2	7	3	5	1	1	2	2	2	1	1	1	3	4	5	3	5	5	5	4	7	2	3	4	8	6	5	102
Print	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	6
Total	3	5	4	5	8	11	8	5	5	2	7	5	7	4	5	4	4	5	8	10	8	7	8	7	8	5	6	10	11	11	10	207

Quadro 2 - Postagens de Célia Xakriabá no feed do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022. Fonte: Quadro com número de postagem de Célia Xakriabá, criada pelo pesquisador, 2024.

FORMATO DA POSTAGEM (MÍDIA)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	0	T	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	Total
Card	3	2	4	5	3	3	0	2	3	2	0	5	7	1	5	4	3	5	3	4	2	4	2	0	3	3	4	4	4	6	8	104
Card só de texto	4	2	0	1	0	1	2	0	1	2	0	1	0	2	0	0	1	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	21
Foto	3	0	0	4	4	3	2	2	3	2	3	3	2	2	0	2	3	3	1	1	4	1	2	3	2	3	0	2	1	0	5	66
Vídeo	3	4	4	5	5	3	3	3	3	4	5	5	1	3	5	3	5	5	4	1	5	3	3	5	3	2	6	2	1	9	1	133
Print	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	1	2	1	1	1	14
Total	13	8	8	15	12	10	7	7	10	10	9	16	10	9	10	9	11	14	8	6	11	11	7	8	8	11	11	11	17	6	4	338

Quadro 3 - Postagens de Sonia Guajajara no Feed do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022. Fonte: Quadro com número de postagem de Sonia Guajajara, criada pelo pesquisador, 2024.

Com base nessa tabulação, o dia da semana selecionado para a análise foi às quartas-feiras, considerando o número de postagens nesse dia da semana dos perfis selecionados de @celia.xakriaba e @guajajarasonia bem como o dia da semana que apresentaram maior variedade de sequência de postagens.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, analisou-se a formação de uma cibercultura por mulheres indígenas ativistas digitais por meio das suas redes sociais, especificamente, o *feed* do Instagram de Célia Xakriabá e Sonia Guajajara. Nosso objetivo geral foi elaborar um estudo sobre a construção de uma cibercultura de mulheres indígenas a partir do relacionamento e da interação delas no *feed* do Instagram.

Para isso, identificamos narrativas textuais e visuais das duas mulheres indígenas ativistas digitais que remeteram às suas respectivas culturas, identidade e território. As narrativas foram categorizadas em tipos de palavras, adjetivos a partir das publicações no *feed* do Instagram.

Com levantamento do perfil de Sônia e Célia e a análise de conteúdo dos posts do Instagram foi possível observar que a interação delas na internet vem ocupando mais espaço e ganhando notoriedade no ambiente virtual através das redes sociais e, a partir desse movimento, novas motivações surgem no espaço presencial e virtual, fazendo com que a mulher indígena conquiste mais espaço e consiga demonstrar suas próprias vivenciais sobre seus territórios, culturas ou qualquer outro tema.

Dessa forma, a análise proposta neste artigo nos leva à leitura da cibercultura e atuação das mulheres indígenas ativistas digitais via Instagram de acordo com o que citamos sobre o pensamento de Lemos (2007) quando ele ressalta que a cibercultura é uma nova relação entre a técnica e a vida social. Nesta visão, nossa defesa é a participação das mulheres indígenas no ciberespaço como forma de valorização da sua cultura e vida social.

A interação e a ocupação de Célia e Sônia no ciberespaço cresceram e fortaleceram suas pautas via produções de conteúdos com narrativas independentes com questionamentos de diferentes debates esboçando uma visão crítica que proporcionou uma maneira ímpar e singular de participação no ciberespaço, consolidadas por conexões e interações que dão credibilidade

e contribuem para o reconhecimento delas enquanto agente propagador com voz ativa em prol de sua cultura, identidade e território através de sua audiência e penetração nos diferentes ambientes virtuais, o que fortalece as vozes das mulheres indígenas nos mais diversos meios de comunicação em todo território brasileiro.

Ao publicar vídeos, imagens e textos, essas mulheres estão colocando em pauta questões que afetam suas comunidades indígenas, como a defesa dos direitos territoriais, o combate ao racismo e ao preconceito, a preservação da cultura e tradições indígenas, entre outros temas. Essas temáticas são muito importantes para a construção da imagem dessas mulheres como lideranças e representantes de suas comunidades, que estão lutando por seus direitos e interesses.

Outro ponto a ser destacado é a forma como essas mulheres utilizaram as redes sociais para construir uma imagem de proximidade e empatia com o público. Elas se mostram em situações cotidianas, compartilham momentos de suas vidas pessoais e familiares, e isso colaborou para humanizá-las aos olhos dos eleitores, o que possivelmente contribuiu positivamente para suas campanhas eleitorais.

Além disso, essas mulheres também utilizaram as redes sociais como uma plataforma de diálogo e engajamento com o público. Elas responderam a comentários, interagiram com seguidores e promoveram debates sobre temas relevantes para suas comunidades. Essa postura colaborativa e participativa ajudou a consolidar a imagem dessas mulheres como lideranças atuantes e preocupadas com as questões sociais.

É necessário que sejam criadas políticas públicas que visem a ampliar o acesso das mulheres indígenas aos recursos tecnológicos e à formação em comunicação e *marketing* digital. Isso pode contribuir para que essas mulheres possam ter mais visibilidade e protagonismo na construção de suas imagens políticas, e para que possam lutar de forma mais efetiva pelos direitos de suas comunidades indígenas.

Em resumo, o conteúdo digital produzido por Célia e Sônia durante suas respectivas campanhas eleitorais de 2022 revelou a importância delas como representantes de suas comunidades indígenas e como lideranças atuantes na luta por seus direitos e interesses. Com narrativas que abordaram o território e a natureza como elementos simbólicos da presença indígena, da cultura linguística dos povos que essas mulheres fazem parte.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Denize Correa. **Imagem (ir)realidade**: comunicação e cibermídia. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ARTIGO 3 [Lei 6001/73]. **Estatuto do Índio**. Conteúdo extraído do site JusBrasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11725157/artigo-3-da-lei-n-6001-de-19-de-dezembro-de-1973>. Acessado em: 10 de agosto de 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Revista de Estudos Feministas. Los Angeles: Ano 10. 2002. P. 171-188.
- DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe**. 1. Ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016.
- FERNANDES, Florestan. Antecedentes Indígenas: Organização Social das Tribos Tupis. In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (Direção). **História Geral da Civilização Brasileira**. A Época Colonial. Do descobrimento à expansão territorial. Tomo I, volume 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FERNANDEZ, Maria, WILDING, Faith, WRIGHT, Michelle M. **Cyberfeminism, racism, embodiment**. Domain Errors! Cyberfeminist Practices. New York: Autonomedia, 2003.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GREGOLIN, M. R. **Discursos e imagens do corpo**: heterotopias da (in)visibilidade na WEB.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- KRIPPENDORFF, K. **Content analysis**: an introduction to its methodology. Londres: Sage, [1980] 2004.
- LEAL, Livia. **A resistência das mulheres indígenas nas redes sociais**. Jornal da USP, 2021.
- LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais:** aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v.30, n.1, p. 71-81, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2001.

MORAES, Dênis de. O ativismo digital. **Biblioteca Online de Estudos da Comunicação**, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/63666643/Denis-Moraes-O-Ativismo-Digital>. Acesso em: 08 mar. 2024.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem:** Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PLANT, Sadie. **Mulher Digital:** O feminismo e as novas Tecnologias. 1 ed. Rosa dos Tempos, 1999.

PORTAL 3TC. COP 27: entenda o que é e sua importância para o meio ambiente. **Portal 3TC**, 14 nov. 2022. Disponível em: <https://www.3tc.com.br/blog/cop-27-entenda-o-que-e/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano, da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Joselaine Raquel da. **Protagonismo feminino nos movimentos indígenas no Brasil**. VII Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe Espirales, Edição Especial. Janeiro 2021.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. *Revista USP*, São Paulo, v.1, 2010.

UGARTE, David de. O poder das redes. **Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

YAM. **Célia Xakriabá: Curar a Terra é Curar a Nós Mesmos**. <https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos>. Acesso em 17 de abril de 2022.

Marcio Malta

Mestre acadêmico em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), também Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Bacharel em Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Tecnologia e Ciências (UniFTC) em (2010).

Edna de Mello Silva

Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design Educacional da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É docente permanente do PPGCOM/UFT. Coordena a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (2024 a 2025). É Coordenadora Adjunta da Universidade Aberta do Brasil/Unifesp.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional